

### CONSIDERAÇÕES DE ESTUDOS BRASILEIROS PARA CLÍNICA PSICOLÓGICA COM PESSOAS PRETAS

*Considerations of Brazilian Studies for Psychological Clinic with Black People*

*Consideraciones de Estudios Brasileños para Clínica Psicológica con Personas Negras*

*Considérations des Études Brésiliennes pour la Clinique Psychologique avec les Personnes Noires*

 10.5020/23590777.rs.v23i1.e13555

**Jean Von Hohendorff**  

Psicólogo, Doutor e Mestre em Psicologia. Docente da Graduação e do Programa de Pós-Graduação Psicologia da Atitus Educação (PPGPSI). Coordenador do Grupo de Pesquisa Violência, Infância, Adolescência e Atuação das Redes de Proteção (VIA Redes).

**Linéia Polli**  

Mestra e Graduada em Psicologia pela Atitus Educação – Passo Fundo. Psicóloga Clínica e Pesquisadora com Foco na Violência contra Crianças e Adolescentes e na Atuação das Redes Públicas e Privadas de Proteção.

**Mathias Weiss**  

Psicólogo. Especialista em Terapia Cognitivo Comportamental e Graduado em Psicologia pela Faculdade Meridional (IMED).

#### Resumo

O racismo está presente nas instituições, onde ele faz com que haja negligências na percepção dos males causados pelo preconceito e pela discriminação. A psicologia tem o dever ético de não reproduzir o racismo estrutural e institucional. Diante disso, por meio de uma revisão integrativa, se investigou quais são os aspectos da clínica psicológica com pessoas pretas abordados em pesquisas no contexto brasileiro. Foram selecionados cinco artigos em quatro bases de dados. A análise dos dados ocorreu por meio da análise de conteúdo. Os estudos encontrados, em sua maioria qualitativos, contaram com a participação majoritária de clientes mulheres adultas. Percebeu-se que as demandas apresentadas por clientes pretas perpassam o racismo, por meio de uma visão de inferioridade de si mesmas que se apresenta de diferentes formas (e.g. autocobrança excessiva, falta de pertencimento). O acolhimento por meio da grupoterapia se mostrou promissor para clientes pretas, sendo o único aspecto de potencialidade de tratamento encontrado nas pesquisas analisadas. Conclui-se serem necessários mais estudos empíricos sobre a clínica com pessoas pretas para que a psicologia realmente se afirme como antirracista.

**Palavras-chave:** psicologia clínica, racismo, preconceito, discriminação social.

#### Abstract

*TRacism is present in institutions, where it causes negligence in the perception of the harm caused by prejudice and discrimination. Psychology has an ethical duty not to reproduce structural and institutional racism. Given this, through an integrative review, we investigated which aspects of the psychological clinic with black people are addressed in research in the Brazilian context. Five articles were selected from four*

databases. Data analysis occurred through content analysis. The studies found, mostly qualitative, had the majority participation of adult female clients. It was noticed that the demands presented by black clients permeate racism through a vision of inferiority of themselves that presents itself in different ways (that is excessive self-demand, lack of belonging). Reception through group therapy proved to be promising for black clients, being the only aspect of treatment potential found in the analyzed studies. It is concluded that more empirical studies are needed on the clinic with black people so that psychology asserts itself as anti-racist.

**Keywords:** clinical psychology, racism, prejudice, social discrimination.

### **Resumen**

El racismo está presente en las instituciones, donde hace que ocurran negligencias en la percepción de los males causados por el prejuicio y por la discriminación. La psicología tiene el deber ético de no reproducir el racismo estructural e institucional. Ante esto, por medio de una revisión integrativa, fue investigado cuales los aspectos de la clínica psicológica, con personas negras, enfocados en investigaciones en el contexto brasileño. Fueron seleccionados cinco artículos en cuatro bases de datos. El análisis de los datos ocurrió por medio de análisis de contenido. Los estudios encontrados, en su mayoría cualitativos, contaron con la participación mayoritaria de clientes mujeres adultas. Fue percibido que las demandas presentadas por clientes negras traspasaron el racismo, por medio de una visión de inferioridad de ellas mismas que se presenta de distintas formas (e.g. el cobrarse excesivo, falta de pertenencia). La acogida por medio de la grupoterapia se presentó prometedora para clientes negras, siendo el único aspecto de potencialidad de tratamiento encontrado en las investigaciones analizadas. Se concluye que son necesarios más estudios empíricos sobre la clínica con personas negras para que la psicología realmente se fortalezca como antirracista.

**Palabras clave:** psicología clínica, racismo, prejuicio, discriminación social.

### **Résumé**

Le racisme est présent dans les institutions, où il entraîne des négligences dans la perception des maux causés par les préjugés et la discrimination. La psychologie a le devoir éthique de ne pas reproduire le racisme structurel et institutionnel. Face à cela, au moyen d'une revue intégrative, on a enquêté sur les aspects de la clinique psychologique avec des personnes noires abordées dans les recherches du contexte brésilien. Cinq articles ont été sélectionnés dans quatre bases de données. L'analyse des données a eu lieu à travers l'analyse de contenu. Les études trouvées, majoritairement qualitatives, ont bénéficié de la participation prédominante de clientes femmes adultes. On a constaté que les demandes présentées par les clientes noires sont liées au racisme, se manifestant à travers une vision d'infériorité de soi qui prend différentes formes (par exemple, une auto-exigence excessive, un manque d'appartenance). L'accueil par la thérapie de groupe s'est révélé prometteur pour les clientes noires, étant le seul aspect de traitement potentiel identifié dans les recherches analysées. Il est conclu qu'il est nécessaire de mener davantage d'études empiriques sur la clinique avec les personnes noires afin que la psychologie puisse réellement s'affirmer comme antiraciste.

**Mots-clés :** psychologie clinique , racisme , préjugé , discrimination sociale.

---

Raça é uma construção histórica e cultural (Kaufman, 1999). Biologicamente, o ser humano não é distinguível, sendo assim, não existe classificação biológica que diferencie a espécie humana (American Anthropological Association, 1998). Por meio de uma pesquisa com o DNA mitocondrial, constatou-se que o ser humano tem sua gênese no continente africano (Cann et al., 1987). Com isso, as principais diferenças entre humanos, biologicamente falando, não vão além de traços físicos superficiais, como a pigmentação da pele (Sturm et al., 1998). A distinção do conceito de raça biológica para raça social é essencial para afastar-se de ideologias discriminatórias (Birchal & Pena, 2006), pois, para além disso, o discurso biológico pode fomentar políticas fascistas que discriminam e violentam (Roy, 2001). Dessa maneira, a ciência deve atuar efetivamente para a não discriminação e para a construção de uma sociedade não racista (Birchal & Pena, 2006).

O racismo pode ser entendido como a categorização de pessoas a partir do modelo branco europeu que inferioriza características negro-africanas (Theodoro, 2014). A nomenclatura social de raça é essencial, não só para a identidade social do povo preto, como também para atuar na desvinculação da diferença de cor, vista preconceituosamente como diferença biológica (Guimarães, 1999). Dessarte, o termo raça preta é aqui utilizado, em quesito sociopolítico-cultural, para descrição das pessoas pretas. Vale ressaltar que, no Brasil, a população, em sua maioria heterogênea, advém de três principais proveniências, sendo

elas: africanas, europeias e ameríndias (Suarez-Kurtz & Pena, 2006). Desse modo, o termo afrodescendente não se enquadra para a representação conceitual de pessoas pretas no Brasil (Birchal & Pena, 2006).

Historicamente, o Brasil coloca como fim da escravidão o dia 18 de maio de 1888 (Lei nº 3.353, 1888). A hegemonia branca da elite fez, por meio de movimentos ideológicos, a construção de medidas de branqueamento da população, embasando-se na falsa ideia de superioridade biopsicológica entre as raças (Carone, 2017). O branqueamento se constituiu não apenas em enxergar os pretos como inferiores, mas também em tentar transformar a fisionomia e a cultura dessas pessoas (Silva, 2007) por meio de medidas imigrantistas, favorecendo a migração europeia, além de discriminação e violência com os pretos (Carone, 2017).

Tendo em vista esses fatores históricos e culturais, o racismo acompanha a constituição da sociedade brasileira. Sendo o racismo definido como pensamento que categoriza as pessoas, idealizando o modelo branco europeu e inferiorizando características negro-africanas, este acaba vinculando as pessoas pretas a baixas condições econômicas, discriminações, violações de direitos e violência extrema (Theodoro, 2014). Mais ainda, na tentativa de se afastar dessas conotações, os pretos podem passar a buscar a forma aceita pela sociedade, rejeitando seus fenótipos e sua cultura (Domingues, 2005).

Assim como a autoimagem da raça preta no país perpassa as ideologias racistas, estigmatizando, inferiorizando e associando seus costumes a infâmias (Bartel, 2014), as organizações também atuam na discriminação. Isso reforça o pensamento preconceituoso e colabora para a continuação das condições socioeconômicas às quais os pretos já estão associados (Bento, 2002). Essa construção preconceituosa da sociedade atual vem do racismo, que já alcançou as construções científicas pós-escravatura, demonstrando-se como estrutural no país (Santos & Silva, 2006). Dessa maneira, o racismo como “cultura vigente” se expande para além do interpessoal, chegando a níveis institucionais (Williams & Priest, 2015).

O racismo estrutural profundamente presente na nossa sociedade atua com um possível fenômeno psicológico, estreitamente ligado ao poder e à discriminação, o qual acontece quando a pessoa preta tem o ideal de ego representado como um ideal branco, e isso faz com que o superego entre em constante conflito com o ego, na tentativa de alcançar esse ideal irrealista. Isso é consequência da cultura do branqueamento, a partir da qual, internamente, o sujeito cria uma expectativa não alcançável dele mesmo, travando um conflito internalizado contra suas próprias características físicas, gerando sentimentos de culpa e inferioridade (Souza, 1983).

Considerando essas questões psicológicas, evidencia-se uma angústia persistente proveniente de situações sociopolíticas de desigualdade e discriminação (Gonçalves, 1998). Em contato com essa relação psicoemocional constituiu-se, em 1995, o Instituto AMMA Psique Negritude, desenvolvendo ações em luta para a igualdade política (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2017). No entanto, o CFP só se posicionou de forma oficial, por normas, no ano de 2002, sendo estas normas estritamente voltadas para proibir a/o psicóloga/o de exercer atos discriminatórios (CFP, 2002), não mencionando o manejo ou cuidados clínicos com pessoas que passam por discriminações raciais.

A esse respeito, a negligência em considerar como o racismo afeta a população interfere no oferecimento de um serviço de qualidade, retratando o racismo estrutural e institucional (Jones, 2002) e, de forma institucional, entendendo que o racismo influencia na política e nas organizações se tornando intrínseco nas ações públicas e sociais (Werneck, 2016). Desse modo, são necessárias ações práticas, em diversos níveis, para diminuir a disparidade racial de acesso e qualidade aos serviços de saúde (Werneck, 2016), além de ressaltar que a desigualdade afeta o estado psicológico das pessoas pretas (Souza, 1983).

Diante disso, no código de ética vigente da psicologia destacam-se dois princípios (CFP, 2005). São eles:

II. O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

III. O psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural (CFP, 2005, p.1).

Apesar disso, foi somente no ano de 2017 que o CFP publicou o documento “Relações raciais: Referências técnicas para atuação de psicólogas/os”, com a intenção de o referencial ser utilizado como ferramenta de identificação da discriminação institucional e para ações de igualdade racial (CFP, 2017). Na clínica psicológica, uma escuta adequada das discriminações sofridas se reflete em um maior bem-estar do sujeito. Nesse sentido, profissionais da psicologia, sem o preparo necessário para lidar com discriminações racistas e seu consequente sofrimento, podem contribuir para a desistência de clientes pretas/os do tratamento psicoterapêutico (Prates, 2019). Para esses fenômenos, aponta-se a necessidade de a discussão sobre o racismo ser inserida na formação do psicólogo (CFP, 2017; Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul [CRPRS], 2018).

Em um estudo nacional acerca do manejo clínico com duas clientes pretas, sendo um processo terapêutico com 17 sessões e outro com 21 sessões, Tavares e Kuratani (2019) deram destaque à vinculação terapêutica, às habilidades sociais, à autoestima e à capacidade de autocompaixão. A vinculação terapêutica só se mostrou possível por meio da escuta não punitiva da psicóloga, possibilitando o aumento das habilidades sociais e, por consequência, da autoestima e da capacidade de autocompaixão das clientes pretas. Tal estudo torna-se importante ao indicar como o racismo pode influenciar a clínica psicológica. No entanto, sua amostra é pequena e faltam produções científicas sobre o tema, o que reforça a necessidade de pesquisas sobre o assunto.

Apesar de o manejo clínico ser um potencial perpetuador do racismo estrutural e institucional, observa-se uma lacuna em relação a quais aspectos no manejo clínico (e.g. demandas, abordagens, adaptações de técnicas, potencialidades, dificuldades) com pessoas pretas deveriam ser considerados por psicólogas/os clínicas/os. Diante disso, o objetivo deste estudo foi o de analisar aspectos da clínica psicológica com pessoas pretas em pesquisas no contexto brasileiro.

### Método

Foi realizada uma revisão integrativa da literatura baseado em Souza et al. (2010). Foram revisados artigos científicos tendo como pergunta norteadora “Quais os aspectos da clínica psicológica com pessoas pretas são investigados em pesquisas no contexto brasileiro?”. Para isso, foram realizadas consultas nas seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Portal Capes, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic). Considerou-se abranger as bases de dados que continham artigos de psicologia, disponibilizados gratuitamente e completos, escritos em português. Delimitou-se a busca dos artigos a partir do ano de 2002, ano no qual o Conselho Federal de Psicologia publicou as primeiras normas que proíbem qualquer ato racista dos psicólogos (CFP, 2002). Entende-se assim que, desde essa data, se tem a orientação de compreender e extinguir quaisquer formas de racismo na psicologia brasileira.

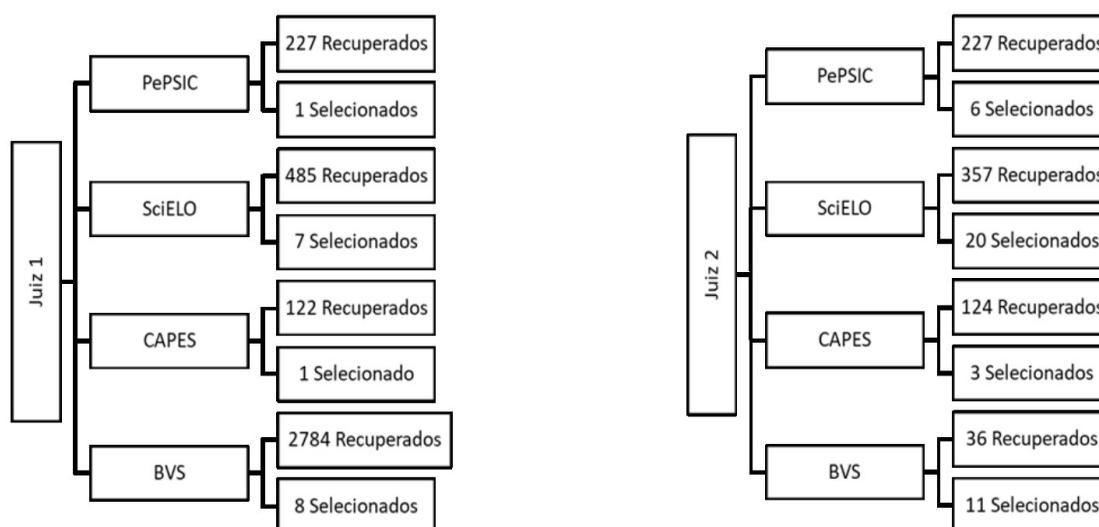
Os critérios de inclusão utilizados foram: artigos empíricos produzidos em território nacional, publicados na língua portuguesa, entre os anos de 2002 e 2021, que mencionassem a clínica psicológica com pessoas pretas/negras no título e/ou resumo. Os critérios de exclusão foram: teses, dissertações, monografias, artigos que não estivessem disponíveis gratuitamente nas bases de dados e artigos repetidos nas bases de dados.

A busca foi realizada por dois juízes, de forma independente, entre os dias 22 e 25 de abril de 2021. As buscas foram divididas em três conjuntos de palavras chaves, sendo eles: clínica psicológica AND racismo OR preconceito; racismo AND clínica psicológica AND preconceito; racismo AND psicoterapia OR clínica psicológica. Foram escolhidas as palavras-chave nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) que mais se adequaram aos objetivos da pesquisa.

A busca ocorreu com a utilização dos filtros disponíveis em cada plataforma de busca. Na BVS foram utilizados os seguintes filtros: idioma português – 2002 a 2021. Na SciELO foram utilizados os filtros: idioma português – brasileiro – 2002 a 2021. No Portal Capes foram utilizados os filtros: 2002-2021, artigos, português. Na Pepsic não foram utilizados filtros. Os resultados das buscas são apresentados na Figura 1.

Figura 1

Organograma da busca nos bancos de dados

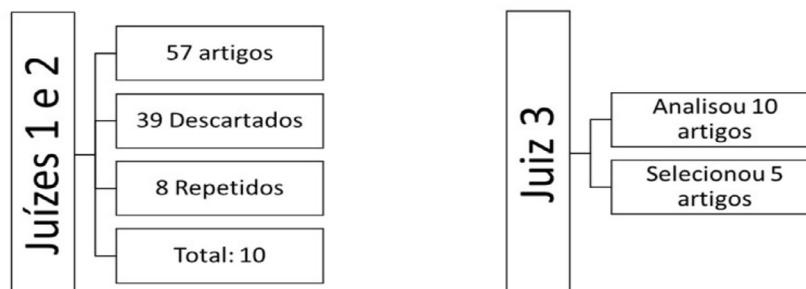


A discrepância entre os juízes 1 e 2 nos artigos recuperados da plataforma BVS (juiz 1 com 2784 artigos recuperados, enquanto o juiz 2 com 36 artigos recuperados) pode ser explicada por alguma instabilidade da plataforma, já que os procedimentos de busca e as palavras-chave utilizadas pelos juízes foram os mesmos. Porém, o número de artigos selecionados pelos juízes foi semelhante (juiz 1 com 8 artigos selecionados, juiz 2 com 11 artigos selecionados).

Após a busca, houve uma análise inicial em que os dois juízes se reuniram e analisaram os 17 artigos selecionados pelo juiz 1 e os 40 selecionados pelo juiz 2. Nessa análise conjunta, os juízes realizaram um debate e, a partir disso, uma revisão dos 57 artigos selecionados até então, pois ainda havia algumas discrepâncias com relação ao método empregado pelos artigos (e.g. empíricos ou não). A partir disso, se constatou que 39 artigos não eram empíricos ou não abordavam a psicologia clínica, sendo então descartados por não se enquadrarem. Ao final dessa etapa, os juízes finalizaram com 18 artigos, sendo que destes 8 eram repetidos, e assim foram selecionados 10 artigos não repetidos. Os artigos selecionados pelos dois juízes foram submetidos a um terceiro juiz, o qual fez uma análise de título, resumo e método. Após a análise e discussão dos três juízes, foram selecionados cinco artigos que se enquadraram nos critérios de inclusão. Os artigos excluídos, apesar de conterem a participação de psicólogos e abordarem a temática do racismo, tinham como assunto outras áreas da psicologia (e.g. psicologia do esporte). Esse processo é apresentado na Figura 2.

**Figura 2**

*Seleção dos artigos pelos juízes*



Os cinco artigos selecionados foram analisados conforme o título, método, local da coleta de dados, objetivo, participantes, percepção das psicólogas/os sobre o manejo clínico, demandas apresentadas pelas clientes, abordagem psicoterápica, especificidades no manejo clínico, adaptação de técnicas, potencialidades e dificuldades no manejo clínico e formação específica ou necessidade de uma formação, sendo que tais informações foram coletadas em uma planilha formulada para esse estudo. A coleta de tais informações foi definida a priori. As seções de resultados e de discussão dos estudos foram analisadas com base na análise de conteúdo qualitativa de Bardin (2011). Desse modo, a análise ocorreu por meio de um processo que consiste em passos determinados, começando com o planejamento de como a análise seria realizada, passando pela codificação de dados, na qual os dados obtidos foram agrupados em unidades pertinentes para a pesquisa; por fim, as unidades foram categorizadas, classificando e reagrupando as informações com critérios definidos.

## Resultados

Os resultados da análise dos cinco artigos selecionados foram apresentados na Tabela 1. Todos os artigos inclusos nesta revisão integrativa estão assinalados com um asterisco na lista de referências.

Tabela 1

## Informações sobre os artigos analisados

| Título do artigo                            | 1  | 2  | 3   | 4  | 5   |
|---|--|--|---|--|---|
| <i>Título do artigo</i>                     | Psicologia e racismo: as heranças da clínica psicológica   | “Pretitude” e o afroperspectivismo em psicoterapia: desafios para a abordagem gestáltica   | Psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro: experiências de mulheres negras  | Manejo clínico das repercussões do racismo entre mulheres que se "tornaram negras"   | Satisfação de negros e não negros assistidos por centros de atenção psicossocial em álcool e outras drogas  |
| <i>Autoria e ano de publicação</i>          | Benedito e Fernandes (2020)  | Nascimento, Souza, Silva e Oliveira (2019)   | Gouveia e Zanello (2019)  | Tavares e Kuratani (2019)  | Silva et al. (2020)   |
| <i>Método</i>                               | Qualitativo, provenientes de entrevistas   | Qualitativo, proveniente dos diários de campo de um grupo de acolhimento   | Qualitativo, proveniente de entrevistas mistas livres e semi-estruturadas   | Qualitativo, proveniente de um relato de experiência   | Quantitativo, transversal e avaliativo, proveniente de dados coletados por meio de entrevistas  |
| <i>Objetivo</i>                             | Investigar como os psicólogos compreendem o racismo e a maneira como as questões relacionadas a ele podem atravessar a prática profissional  | Desenvolver a prática do acolhimento psicológico de grupos, para homens e mulheres negras, principalmente universitários   | Coletar narrativas de pessoas negras atendidas por psicólogas brancas/as, sobre suas vivências de racismo no cotidiano e sobre como se deu a escuta na terapia em diade birracial | Produzir e sistematizar conhecimentos, métodos ou estratégias para o manejo clínico das repercussões do racismo sobre a saúde mental da população negra        | Analisar comparativamente a satisfação de indivíduos negros e não negros assistidos por centros de atenção psicossocial em álcool e outras drogas de três estados brasileiros |
| <i>Local da coleta de dados</i>             | Não consta   | Núcleo de Psicologia Aplicada na universidade Federal do Espírito Santo (NPA/Ufes)   | Locais reservados, escolhidos pelas participantes   | Consultório  | Caps AD distribuídos em 19 cidades de três estados selecionados: São Paulo (SP), Minas Gerais (MG) e Amapá (AP)   |
| <i>Participantes</i>                        | 3 psicólogas, brancas ou pretas, que atuam em atendimentos no contexto da clínica  | 4 mulheres pretas e 7 homens pretos com idades de 19 a 45 anos   | 7 mulheres pretas, com idade de 22 a 30 anos  | 2 mulheres pretas, com 20 e 30 anos  | 707 indivíduos, a maioria homens, autodeclarados pretos, com média de idade de 44 anos  |
| <i>Demandas apresentadas pelas clientes</i> | Inferioridade, se sentir uma farsa, desejo e culpa de se relacionar com uma pessoa pertencente a outra raça, dificuldade em se sentir pertencentes em lugares ou posições que são culturalmente relacionados a pessoas brancas | Elevada autocrítica, busca por alto desempenho escolar, problemas com a própria imagem, dificuldade de expressar seus sentimentos e vivenciar as emoções, julgamento e não se sentir pertencente | Sofrimento amoroso, perda de pessoas próximas e passagens da vida (como entrada em um novo ambiente, mudança de escola, ingresso no mundo universitário ou trabalho)              | Dificuldade de estabelecimento de vínculos e a representação de si como inferior, necessidade de um bom desempenho acadêmico, sentimentos crônicos de tristeza | Não consta.   |
| <i>Percepção das/dos psicólogas/os</i>      | O sofrimento se expressa por experiências de incerteza ligadas ao corpo, à capacidade profissional em situações que se relacionam com a discriminação, o preconceito e a inferioridade   | Perceberam que os encontros em grupo têm proporcionado aos participantes um ambiente de cuidado e de reconhecimento de si  | Não consta  | Percebeu a necessidade de competência cultural do psicólogo a diferentes culturas  | Não consta  |
| <i>Abordagem psicoterápica</i>              | Orientação psicanalítica   | Gestalt  | Não consta  | Terapia analítico comportamental, com perspectiva da psicoterapia analítico funcional e terapia de aceitação e compromisso                                     | Não consta  |

|   |  |  |   |   |            |
|---|--|--|---|---|------------|
| <i>Especificidades no manejo clínico</i>        | Atentar a como a cultura a qual o cliente está inserido e se identifica  | Não consta   | A relação terapêutica   | Sensibilidade cultural e competência cultural. Validação e apoio dos sentimentos de insegurança, tristeza e raiva           | Não consta |
| <i>Adaptação de técnicas terapêuticas</i>       | Não consta adaptação de técnicas, mas cita a necessidade leitura de materiais de outras áreas                  | Não consta adaptação de técnicas, mas cita a necessidade de leitura de materiais de outras áreas | Não consta  | Adequação das intervenções e revisão do posicionamento social e subjetivo ao ser sensibilizada pelo sofrimento das clientes | Não consta |
| <i>Potencialidades no manejo clínico</i>        | Não consta   | A grupoterapia demonstrou ter um bom potencial   | Não consta  | Não consta  | Não consta |
| <i>Dificuldades no manejo clínico</i>           | Dificuldade de interpretação a respeito de sua negritude   | Não consta   | Entrave no tratamento psicoterápico e dificuldade do vínculo terapêutico inter-racial   | Dificuldade de estabelecimento de vínculo terapêutico   | Não consta |
| <i>Formação específica ou a sua necessidade</i> | Estudar sobre o racismo durante a graduação. Psicologia sendo ensinada a considerar de forma política e social | Não consta   | Formação adequada para considerar as especificidades das relações raciais. Destaca a falta de formação em questões raciais específicas como fator limitante para a eficácia da psicoterapia | Não consta  | Não consta |

Os títulos dos artigos encontrados enfatizaram o racismo (Benedito & Fernandes, 2020; Gouveia & Zanello, 2019; Tavares & Kuratani, 2019), a psicoterapia (Gouveia & Zanello, 2019; Nascimento et al., 2019), a clínica psicológica (Benedito & Fernandes, 2020) e o manejo clínico (Tavares & Kuratani, 2019), sendo os manuscritos publicados recentemente – a maioria a partir de 2019 (Gouveia & Zanello, 2019; Nascimento et al., 2019; Tavares & Kuratani, 2019) –, abrangendo três abordagens psicoterápicas. Em quatro dos cinco artigos, o método empregado foi qualitativo, proveniente de entrevistas (Benedito & Fernandes, 2020; Gouveia & Zanello, 2019) e relatos de experiência (Nascimento et al., 2019; Tavares & Kuratani, 2019), com coletas de dados em locais públicos (Nascimento et al., 2019; Silva et al., 2020) e privados (Gouveia & Zanello, 2019; Tavares & Kuratani, 2019).

Em quatro dos cinco artigos encontrados foi relatado contato direto com a população preta, variando de duas participantes (Tavares & Kuratani, 2019) a 707 indivíduos (Silva et al., 2020), observando que as “demandas apresentadas por clientes pretas” comumente são relacionadas às repercussões e sofrimentos decorrentes do racismo (Benedito & Fernandes, 2020; Gouveia & Zanello, 2019; Nascimento et al., 2019; Tavares & Kuratani, 2019). Também são destacadas demandas que não estão diretamente ligadas com o racismo (e.g., fim de relacionamentos e a morte de pessoas próximas) (Gouveia & Zanello, 2019).

Dos cinco artigos analisados, somente um estudo abordou diretamente profissionais da psicologia (três participantes) para investigar a compreensão de psicólogas sobre o racismo (Benedito & Fernandes, 2020). Contudo, artigos que tiveram como instrumento os diários de campo (Nascimento et al., 2019) e como método o relato de experiência (Tavares & Kuratani, 2019) expõem a percepção das autoras dessas pesquisas, que também são psicólogas. Em relação a isso, em “percepção das/dos psicólogos/as” sobre o manejo clínico de clientes pretas, as três psicólogas entrevistadas reconheceram que há sofrimento em decorrência de uma autoimagem negativa de clientes pretas, ligada a situações discriminatórias e preconceituosas (Benedito & Fernandes, 2020). O estudo no qual se desenvolveu a prática de acolhimento psicológico grupal e foram usados diários de campo, abordou, na percepção dos autores, que intervenções em grupo com clientes pretas proporcionam um ambiente de reconhecimento e inclusão (Nascimento, et al. 2019). Já no relato de experiência, na percepção das autoras psicólogas, há a necessidade do desenvolvimento de competência cultural por parte dos profissionais da psicologia para o atendimento de clientes pretas (Tavares & Kuratani, 2019). Nesse sentido, no aspecto “especificidades do manejo clínico”, dois artigos sugeriram a necessidade de reconhecer e entender a cultura em que o/a cliente é proveniente e está inserido/a (Benedito & Fernandes, 2020; Tavares & Kuratani, 2019), sendo que em outro estudo foi enfatizada a relação terapêutica e os aspectos das relações inter-raciais com clientes pretas (Gouveia & Zanello, 2019).

Entre todos os artigos analisados, apenas no relato de experiência foi afirmado que, diante do sofrimento apresentado pelas clientes, a psicóloga/autora se sensibilizou e buscou a “adaptação de técnicas terapêuticas”, revendo seu próprio

posicionamento social (Tavares & Kuratani, 2019). Em outros dois estudos, relatou-se que as psicólogas recorreram a leituras de outras áreas do conhecimento, principalmente leituras militantes antirracistas em questões políticas e sociais, porém não mencionando a adaptação de técnicas ou intervenções (Benedito & Fernandes, 2020; Nascimento et al., 2019).

Somente em um estudo foram mencionadas “potencialidades no manejo clínico” com pessoas pretas, referindo-se ao trabalho de grupoterapia (Nascimento et al., 2019). Sobre as “dificuldades no manejo clínico”, a relação terapêutica e a criação do vínculo terapêutico destacaram-se, principalmente quando o/a psicóloga tem características étnicas diferentes da/o cliente (Gouveia & Zanello, 2019; Tavares & Kuratani, 2019).

Por fim, em nenhum dos artigos analisados foi indicado que as psicólogas ou autores fizeram alguma formação específica para o manejo clínico com pessoas pretas, ou mesmo uma formação que abrangesse as diferenças raciais e étnicas. Porém, em dois dos estudos foi concluída a necessidade de, ainda na formação em psicologia, estudar sobre o racismo (Benedito & Fernandes, 2020; Gouveia & Zanello, 2019).

## Discussão

Os principais resultados evidenciaram que as pesquisas empíricas sobre a clínica psicológica com pessoas pretas foram publicadas somente a partir de 2019, abrangendo três abordagens psicoterápicas. Os estudos encontrados, em sua maioria qualitativos, contaram com a participação majoritária de clientes mulheres. Identificou-se que as demandas apresentadas por clientes pretas perpassam o racismo, por meio de uma visão de inferioridade de si mesmas que se apresenta de diferentes formas (e.g. autocobrança excessiva, falta de pertencimento). O acolhimento por meio da grupoterapia se mostrou promissor para clientes pretas, sendo o único aspecto de potencialidade de tratamento encontrado nas pesquisas analisadas.

Apesar de somente um estudo abordar diretamente a percepção de psicólogas sobre o racismo e a clínica psicológica, destacou-se o vínculo entre a psicóloga e suas clientes como uma potencial dificuldade para o tratamento, visto que o/a profissional precisa se reconhecer social e culturalmente para assim conseguir perceber social e culturalmente sua cliente. Além disso, os estudos demonstraram que psicólogas têm buscado por literaturas antirracistas em outras áreas do conhecimento, evidenciando a necessidade de formações específicas para os profissionais acerca da temática.

A partir desses resultados, percebeu-se que a evolução que percorre o estudo do racismo na psicologia clínica brasileira é lenta, tendo em vista que as publicações dos artigos são datadas a partir do ano de 2019, mesmo que a busca realizada para este estudo tenha tido como intuito incluir materiais publicados desde 2002. Essa lentidão é observável historicamente, considerando que a construção de conhecimento em território nacional sobre racismo e psicologia começa com o livro clássico *Tornar-se Negro*, escrito pela psicanalista Neusa Santos Souza em 1983, e 12 anos depois, em 1995 se institui o MMA Psique Negritude em que se começa a estudar e lutar por igualdades políticas (CFP, 2017). Sete anos depois, em 2002, o CFP publicou as primeiras normas que impedem os psicólogos de atos racistas e, em 2005, normas que postulam ao/à profissional de psicologia o dever de contribuir para a eliminação das discriminações e se responsabilizar política, social e culturalmente (CFP, 2005).

Somente 12 anos depois, em 2017, o CFP apresentou um material específico: “Relações raciais: Referências técnicas para atuação de psicólogas/os” (CFP, 2017). Diante desse apanhado histórico, é possível observar que o avanço das pesquisas empíricas que visam investigar e produzir práticas não racistas dentro da psicologia é datado após a publicação de um material específico de referências técnicas do CFP (2017). Nesse sentido, percebe-se a importância que os materiais publicados pelo CFP têm para os contextos teóricos e práticos da clínica psicológica com pessoas pretas, observando-se também que, apesar de em passos lentos, o desenvolvimento de estudos e materiais está em uma necessária progressão.

Dentre os principais resultados, também se identificou que três foram as abordagens psicoterápicas apresentadas para embasar as análises e práticas dos estudos, sendo elas a psicanálise, a analítico-comportamental e a Gestalt. A psicanálise iniciou no Brasil a discussão sobre as consequências do racismo (Souza, 1983), destacando o sofrimento emocional causado pelo racismo. Na abordagem analítico-comportamental é possível perceber contribuições relevantes sobre esse fenômeno, apresentando modelos explicativos para a formação, manutenção e redução do preconceito racial (Mizael & Rose, 2017). Já com a Gestalt é possível encontrar informações que destacam a relação de como a discriminação racial afeta a construção da identidade e a percepção da diferença (Oliveira, 2008), e percebe o racismo nos seus estudos voltados a angústias contemporâneas (Marras, 2020).

Embora nessas abordagens se perceba a atenção aos fenômenos consequentes do racismo, é possível inferir que encarar as questões raciais é um desafio para a psicologia. Isso porque parece haver dificuldade de produzir um conhecimento que reconheça o racismo (Oliveira, 2002) e, mesmo havendo alguns estudos que reconheçam o racismo e suas subjetivações, a maneira como se trabalhar com suas repercussões ainda carece de investigação e de diretrizes (Schucman et al., 2017). Ao considerar que as abordagens teóricas mediam práticas clínicas, evidencia-se a necessidade de atentar para a construção de formas de intervenção fundamentadas, que reconheçam o racismo e seus possíveis efeitos.

Diante desses desafios e necessidades de compreensão e intervenção, identificou-se, também, que os estudos de delineamento qualitativos abordaram uma maior quantidade de aspectos referentes à clínica psicológica com pessoas pretas. Pelo fato de a pesquisa qualitativa permitir um maior aprofundamento na escuta e compreensão de vivências e opiniões acerca de diferentes realidades (Yin, 2016), observou-se uma contribuição importante dessa forma de investigação voltada ao racismo e suas repercussões na clínica psicológica. Identificou-se também que, mesmo que os objetivos principais de três dos estudos não tivessem como foco o profissional da psicologia, os autores, também psicólogos clínicos, puderam discutir suas vivências e percepções, pautadas pelo método qualitativo de coleta e análise dos dados.

Ao atentar para as vivências, percepções e seus significados, foi possível constatar que as demandas apresentadas por clientes pretas são perpassadas pelo racismo. Especificamente que o sentimento de inferioridade pode estar entrelaçado com a cultura racista, que coloca como padrão o modelo europeu branco (Theodoro, 2014). Isso faz com que o indivíduo preto, internamente, idealize esse padrão e busque constantemente este ideal irrealista (Souza, 1983). Além do mais, as discriminações causam uma persistente angústia (Gonçalves, 1998) e afetam diretamente a autoestima (Silva, 2016). Ao se considerar esse sofrimento interno como consequente do racismo sofrido, entende-se a propensão da pessoa preta em se sentir culpada por criar vínculos com pessoas de outras raças (Williams & Priest, 2015). Desse modo, observa-se também que os efeitos psicológicos provenientes do racismo podem afetar a criação de vínculos terapêuticos.

Percebeu-se que o vínculo terapêutico permeou tanto a maior dificuldade, como o maior potencial nas intervenções psicológicas. A grupoterapia, que demonstrou potencial terapêutico para clientes pretas, era composta, além das profissionais, essencialmente por homens e mulheres pretas que, ao longo do processo, puderam desenvolver relações de escuta e acolhimento que não reforçassem o modelo cultural racista de se relacionar (Nascimento et al., 2019). Diferente disso, os demais estudos analisados evidenciaram a dificuldade de vínculo entre psicólogas brancas e clientes pretas. Essa diferença permite questionar a competência cultural das profissionais de psicologia, no geral, para a construção de um vínculo terapêutico com clientes pretas.

A competência cultural é uma atribuição que pode ser desenvolvida e visa um conjunto de conhecimentos, comportamentos e atitudes em consonância com uma política adequada, que considere o sistema de inserção, tanto de profissionais quanto de clientes (DeAngelis, 2015). Há evidências de que a competência cultural é um aspecto central para o desenvolvimento do vínculo terapêutico, percebida quando a psicóloga reconhece o impacto de discriminações étnicas, raciais, religiosas, culturais e sociais, e abordam esses impactos negativos com as clientes, valendo-se da relação de escuta e ajuda para melhorar o vínculo terapêutico (Dune et al., 2021).

A escuta é uma habilidade que deve ser treinada e reconhecer sua importância é algo que está associado à sua eficácia (Mesquita & Carvalho, 2014). Desse modo, ao mesmo tempo em que ouvir adequadamente as discriminações pode aumentar o bem-estar do indivíduo, quando o processo de escuta é negligenciado pode ocasionar a desistência da psicoterapia e, em muitos casos, a revitimização da cliente (Prates 2019). A competência cultural, associada ao trabalho de escuta e acolhimento psicológico de clientes de diferentes raças e culturas, tem sido verificada como uma habilidade que profissionais da psicologia carecem e, conseqüentemente, tem sido destacada como um aspecto essencial a ser desenvolvido (DeAngelis, 2015; Dune et al., 2021).

Essa carência também pode ser observada quando profissionais da psicologia buscam materiais de enfrentamento do racismo em outras áreas do conhecimento. Diante disso, acredita-se que a criação de um vínculo terapêutico satisfatório, relacionado a uma competência de escuta adequada da psicóloga, é necessário para o desenvolvimento de habilidades, tanto pessoais, quanto profissionais, políticas e sociais. Por fim, considerando que psicólogas não capacitadas podem repercutir, em suas práticas, o racismo e a discriminação com clientes pretas (CFP, 2017; Jones, 2002), identifica-se a necessidade de o racismo e seus efeitos, bem como competências de enfrentamento e intervenção, serem abordados ainda na formação da psicóloga (CRPRS, 2018; CFP, 2017; Dune et al., 2021).

## Considerações Finais

Objetivou-se analisar quais os aspectos apresentados na clínica psicológica com pessoas pretas em estudos nacionais. Por meio da análise dos estudos selecionados, foi possível perceber que as demandas apresentadas por clientes pretas perpassam o racismo, por meio de uma visão de inferioridade de si mesmas que se apresenta de diferentes formas (e.g. autocobrança excessiva, falta de pertencimento). Ademais, o acolhimento por meio da grupoterapia se mostrou promissor para clientes pretas, sendo a única potencialidade relacionada ao tratamento encontrada nos estudos analisados. Ficou notório como a falta de conhecimentos sobre as representações do racismo na psicoterapia pode afetar a efetividade do trabalho clínico. Porém, com os resultados aqui apresentados e discutidos, em conjunto com a expectativa de novas pesquisas, luta-se para a psicologia evidenciar o racismo e considerar suas repercussões na clínica.

É necessário, entretanto, considerar as limitações desta pesquisa. Assim, apesar do esforço para coletar o maior número de artigos, tendo sido realizada busca por dois juízes independentes, e com três combinações diferentes de palavras-chave, foi limitado a estudos empíricos, nacionais e em língua portuguesa. Além disso, foram desconsideradas as dissertações, teses e livros que podem conter informações relevantes para o manejo clínico de pessoas pretas. A escolha de se deter em artigos científicos ocorreu em razão de serem publicações revisadas por pares. O fato de apenas cinco artigos se enquadrarem nos critérios de inclusão e exclusão desta pesquisa realça a baixa quantidade de estudos empíricos relacionados com a clínica psicológica e o racismo.

Com esse estudo, espera-se fomentar novas pesquisas empíricas que possam abranger as adaptações técnicas possíveis em diferentes abordagens, assim como pesquisas que se aprofundem no manejo técnico de questões raciais, podendo advir de entrevistas com profissionais que atuem na clínica com essas clientes. Portanto, devem-se fomentar formações e cursos para preparar os profissionais clínicos e reforçar a necessidade de se estudar o racismo durante a graduação da/o psicóloga/o.

### Referências

- American Anthropological Association. (1998). *American Anthropological Association Statement on 'Race'*. <https://americananthro.org/about/policies/statement-on-race/>
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bartel, C. (2014). Manifestações de racismo e de intolerância no Brasil contemporâneo. *Revista História Unicap*, 1(1), 104–118. <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/historia/article/view/379>
- \*Benedito, M. S., & Fernandes, M. I. A. (2020). Psicologia e racismo: As heranças da clínica psicológica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40(spe), 1–16. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003229997>
- Bento, M. A. S. (2002). *Pactos narcísicos no racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Repositório USP. [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-18062019-181514/publico/bento\\_do\\_2002.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-18062019-181514/publico/bento_do_2002.pdf)
- Cann, R. L., Stoneking, M., & Wilson, A. C. (1987). Mitochondrial DNA and human evolution. *Nature*, 325, 31–36. <https://doi.org/10.1038/325031a0>
- Carone, I. (2017). Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre questão racial brasileira. In: I. Carone, & M. P. S. Bento (Org.), *Psicologia social do racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil* (pp. 14–26). Vozes.
- Conselho Federal de Psicologia [CFP]. (2002). *Resolução no 018/2002*. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação ao preconceito e à discriminação racial. [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2002/12/resolucao2002\\_18.PDF](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2002/12/resolucao2002_18.PDF)
- Conselho Federal de Psicologia [CFP]. (2005). *Código de ética profissional do psicólogo*. <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>
- Conselho Federal de Psicologia [CFP]. (2017). *Relações raciais: Referências técnicas para atuação de psicólogos/os*. [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/09/relacoes\\_raciais\\_baixa.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/09/relacoes_raciais_baixa.pdf)
- Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul [CRPRS]. (2018, 4 de abril). *Racismo deve integrar currículo da Psicologia, recomenda colóquio*. <https://www.crprs.org.br/noticias/racismo-deve-integrar-curriculo-da-psicologia,-recomenda-coloquio>
- DeAngelis, T. (2015, Mar). In search of cultural competence. *Monitor on Psychology*, 46(3). <https://www.apa.org/monitor/2015/03/cultural-competence>
- Domingues, P. J. (2005). *Movimento da negritude: Uma breve reconstrução histórica*. *África*, [S. l.], 24-26, 193-210. <https://doi.org/10.11606/issn.2526-303X.v0i24-26p193-210>

- Dune, T., Caputi, P., Walker, B. M., Olcon, K., MacPhail, C., Firdaus, R., & Thepsourinthone, J. (2021). Australian mental health care practitioners' construing of non-white and white people: Implications for cultural competence and therapeutic alliance. *BMC Psychology*, 9(85), 1-17. <https://doi.org/10.1186/s40359-021-00579-6>
- Gonçalves Filho, J. M. (1998). Humilhação social: Um problema político em psicologia. *Psicologia USP*, 9(2), 11-67. <https://doi.org/10.1590/S0103-65641998000200002>
- \*Gouveia, M., & Zanello, V. (2019). Psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro: Experiências e percepções de mulheres negras. *Psicologia em Estudo*, 24, 1-15. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.42738>
- Guimarães, A. S. A. (1999). Raça e os estudos de relações raciais no Brasil. *Novos Estudos CEBRAP*, 54, 147-156. <https://www.pragmatismopolitico.com.br/wp-content/uploads/2018/11/GUIMARAES-Raça-e-os-estudos-de-relações-raciais-no-Brasil.pdf>
- Jones, C. P. (2002). Confronting institutionalized racism. *Phylon*, 50(1/2), 7-22. <https://doi.org/10.2307/4149999>
- Kaufman, J. S. (1999). How inconsistencies in racial classification demystify the race construct in public health statistics. *Epidemiology*, 10(2), 101-103. <https://www.jstor.org/stable/3703079>
- Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888 (1888). Declara extinta a escravidão no Brasil. Presidência da República. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/lim3353.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim3353.htm)
- Marras, M. (2020). *Angústias contemporâneas e gestalt-terapia*. Summus Editorial.
- Mizael, T. M., & de Rose, J. C. (2017). Análise do comportamento e experimentação: Possibilidades de interpretação e desafios. *Acta Comportamentalia*, 25(3), 365-377. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=274552568005>
- Mesquita, A. C., & Carvalho, E. C. (2014). A escuta terapêutica como estratégia de intervenção em saúde: Uma revisão integrativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48(6), 1127-1136. <https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000700022>
- \*Nascimento, A. D. S., Souza, G. F., Silva, M., & Oliveira, M. S. (2019). "Pretitude" e o afroperspectivismo em psicoterapia: Desafios para a abordagem gestáltica. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 19(4), 927-946. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v19nspe/v19nspea06.pdf>
- Oliveira, C. M. de. (2002). Pluralidade racial: Um novo desafio para a psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 22(4), 34-45. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932002000400005>
- Oliveira, G. (2008). *Relações raciais e a gestalt-terapia: Contraste no olhar* [Monografia de Conclusão de Curso não publicada]. Instituto Gestalt de São Paulo. Instituto Gestalt, SP.
- Pena, D. J. P., & Birchal, T. S. (2006). A inexistência biológica. *Revista USP*, 68, 10-21. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i68p10-21>
- Prates, M. A. (2019). Referências técnicas para a atuação de psicólogas/os nas relações raciais: Qual o compromisso diário da/o psicóloga/o sobre isso? In: Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul, *Núcleo de Relações Raciais: Percursos, histórias e movimentos* (pp. 51-56). CRPRS.
- Roy, J. M. (2001). Against race: Imagining political culture beyond the color line [review]. *Rhetoric & Public Affairs*, 4(1), 169-171. <https://muse.jhu.edu/article/29873/summary>
- Santos, R. A., & Silva, R. M. de N. B. (2006). Racismo científico no Brasil pós-escravatura. *Revista Contemporânea de Educação*, 12(25), 438-454. <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/11956/pdf>

- Schucman, L. V., Silveira Nunes, S., & Costa, E. S. (2017). A psicologia da universidade de São Paulo e as relações raciais: Perspectivas emergentes. *Psicologia USP*, 28(1), 144–158. <https://doi.org/10.1590/0103-6564a20132413>
- Silva, D. A. (2016). “Para gostar de ser”: Literatura negra, racismo e autoestima. *Signo*, 41(spe.), 88-94. <https://doi.org/10.17058/signo.v1i1.7330>
- Silva, A. C. (2007). *Branqueamento e branquitude: Conceitos básicos na formação para a alteridade*. EDUFBA.
- Silva, N. N., Oliveira, M. A. F., Claro, H. G., Fernandes, I. F. A. L., Boska, G. A., Oliveira, M. S. R., & Bosque, R. M. (2020). Satisfação de negros e não negros assistidos por Centros de Atenção Psicossocial em Álcool e Outras Drogas. *Saúde Em Debate*, 44(127), 1201–1213. <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/DvYd7GcgBq8NWzyHfGMZKsQ/?lang=pt>
- Souza, M. T., Silva, M. D., & Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: O que é e como fazer. *Einstein*, 8(1), 102-106. <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?format=pdf&lang=pt>
- Souza, N. S. (1983). *Tornar-se negro*. Edições Graal.
- Sturm, R. A., Box, N. F., & Ramsay, M. (1998). Human pigmentation genetics: The difference is only skin deep. *BioEssays*, 20(9), 712–721. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1521-1878\(199809\)20:9<712::AID-BIES4>3.0.CO;2-I](https://doi.org/10.1002/(SICI)1521-1878(199809)20:9<712::AID-BIES4>3.0.CO;2-I)
- Suarez-Kurtz, G., & J. Pena, S. (2006). Pharmacogenomics in the Americas: The impact of genetic admixture. *Current Drug Targets*, 7(12), 1649–1658. <http://www.eurekaselect.com/article/3296>
- Tavares, J. S. C., & Kuratani, S. M. A. (2019). Manejo clínico das repercussões do racismo entre mulheres que se “tornaram negras”. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, 1-13, e184764. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003184764>
- Theodoro, M. (2014). Relações raciais, racismo e políticas públicas no Brasil contemporâneo. *Revista de Estudos e Pesquisas Sobre as Américas*, 8(1), 205-219. <https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/18484>
- Werneck, J. (2016). Racismo institucional e saúde da população negra. *Saúde e Sociedade*, 25(3), 535–549. <https://doi.org/10.1590/S0104-129020162610>
- Williams, D. R., & Priest, N. (2015). Racismo e saúde: Um corpus crescente de evidência internacional. *Sociologias*, 17(40), 124-174. <https://doi.org/10.1590/15174522-017004004>
- Yin, R. K. (2016). *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Penso.

### Como Citar:

Hohendorff, J. V., Polli, L., & Weiss, M. (2023). Considerações de estudos brasileiros para clínica psicológica com pessoas pretas. *Revista Subjetividades*, 23(1), e13555. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v23i1.e13555>

---

### Endereço para correspondência

Jean Von Hohendorff  
jhohendorff@gmail.com

Linéia Polli  
lineia.polli@hotmail.com

Mathias Weiss  
mathias.weiss10@gmail.com



**Recebido:** 10.03.2022

**Revisado:** 14.09.2022

**Aceito:** 18.11.2022

**Publicado:** 11.04.2023